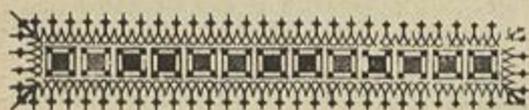
REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte,(m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

26.º Anno — XXVI Volume — N.º 878

20 DE MAIO DE 1903

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.— Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CONSELHEIRO MORAES CARVALHO
PRESIDENTE DA JUNTA DO CREDITO PUBLICO

CHRONICA OCCIDENTAL

Foram dez dias todos elles dedicados á politica. Verdade seja dita : a não ser queixas sobre o tempo, e, em Lisboa, as zarzuelas, e companhia lyrica, outros assumptos não houve.

Então discutiu-se á vontade o que por ahi se passou, o que se passou lá por fóra : politica de casa e politica com os visinhos.

Nas camaras andou em discussão o armamento do exercito, os jornaes falaram do contracto Williams e do emprestimo.

Era de sobejo a materia e toda ella de importancia, pois que se tratava de dinheiro.

Ora de todos é sabido que é sempre esse assumpto que mais consegue exaltar os animos. Os mais indifferentes a uma eleição, os que ouvindo nomes taes como regenerador, progressista ou republicano, encolhem indifferente os hombros, os que não sabem nem sequer que existe o sr. João Franco e julgam que o sr. Hintze odeia de morte o sr. José Luciano, todos emfim que até ao proprio barbeiro só dão um ouvido distrahido, em se tratando do que quer que seja que lhes possa interessar a bolsa, logo parecem outros, criam alma nova com pasmosa energia e mettem sua colherada nas discussões.

Foi o que n'estes dias aconteceu. Tudo o que se discutia, todas as novas que surgiam, mais ou menos iam bater n'esse famoso assumpto : organisação da companhia que hade explorar a concessão Williams, lado financeiro do projecto para compra de armamento, relatorio e projecto de lei para um emprestimo de dezoito mil contos.

N'estes casos todos são politicos e os mais indifferentes os que muita vez se inflammam. Todos deitam seus calculos : uns para perder o menos possivel, outros para apanhar migalhas.

Se não se havia de falar em politica n'estes dias!

Os viciosos com o prorogamento das côrtes, tiveram um anno cheio. Estamos em meados de maio e ainda a gente encontra essas caras de inverno, nos portaes do Chiado, depois da sessão da camara, ou a exercitar a eloquencia, á hora da sobremesa, nas mesas redondas dos hoteis.

D'esta vez, encontram mais numerosas e attentas galerias.

Folgam ellas, e folgam os jornaes politicos, para os quaes o verão é muita vez duro inverno.

Mas ainda a politica de casa deu, ha poucos dias, muito que falar com a inauguração do novo centro regenerador liberal, em cuja primeira sessão o sr. João Franco Castello Branco apresentou, numeroso auditorio, o programma da sua politica.

Vê-se que o sr. João Franco tem um partido bem constituido e já forte, contra o qual hãode bater-se com energia os chamados rotativos. A inauguração do centro, figurando entre os seus membros gente importantissima de todas as classes, veio desfazer duvidas que ainda pudessem existir sobre o valor do partido novo, cuja direcção assumiu um homem a quem ninguem póde negar dotes de alta intelligencia e de caracter.

Venham para bem, é o desejo dos que ainda presam um bocadinho as coisas da nossa terra e guardam um resto de esperança no coração.

E' claro que foi este o facto culminante da politica em nossa terra, n'estes ultimos dias. As discussões caseiras, conforme cada ponto de vista particular, tiveram em que exercer-se. Mais ou menos um pedacito de injustiça n'estes casos, melhores ou peores interpretações que se dêem a factos ou palavras, tudo esquece e tudo se remedeia. Inimigos d'hoje serão amigos de ámanhã, assim compensando os amigos que hão de fugir. Falam comadres, dizem-se mentiras, porque a politica, para dar cabo de tudo, até deu cabo dos proverbios.

O peor é quando das discussões que por ahi vão, os eccos hão de chegar lá fóra, que é preciso então muito maior cuidado nas linguas e não são tão faceis esquecimentos e desmentidos. O peor são conclusões que se tiram de factos mal averiguados e que logo se publicam e a que se dá maior fé do que merecem.

VISITA DE S. M. A RAINHA D. AMELIA AO HOSPITAL DE TUBERCULOSOS DE ORMENSON

Na camara dos pares, o sr. João Arroyo referiu-se a casos que se passaram com a Rainha Senhora D. Amelia em Livorno, onde não foi cumprimentada pelas auctoridades, chamadas a Roma, e onde não encontrou o cruzador, que faz serviço n'aquelle porto e que na vespora sahira para o mar com todas as canhoneiras da esquadrilha. Referiu-se depois ao que em Paris se passára e ao que se dizia de não haver querido a Rainha de Portugal, sob o pretexto de seu incognito, receber a visita do Presidente da Republica.

O caso a que se referiram jornaes francezes, que hoje se sabe haverem sido mal informados, foi, como é claro, commentadissimo

Ao sr. João Arroyo respondeu o sr. Ministro dos Negocios Estrangeiros, assumindo para as chancelarias todas as responsabilidades dos factos e assegurando que nenhum acontecimento desagradavel, nenhuma difficuldade surgiram na viagem feita em rigoroso incognito, como o desejou a Rainha Sr.ª D. Amelia. Assegurou mais que não havia fundamento nenhum para os boatos que circularam.

Eis como o facto é contado:

Por motivo de doença de sua mãe, o sr. Loubet teve de retirar de Paris para Montélimar, encarregando o sr. Delcassé de manifestar á sr.ª D. Amelia o seu desejo de lhe apresentar pessoalmente seus respeitos.

O sr Loubet foi recebido pela soberana portugueza no dia 13, pela uma hora da tarde. O presidente ia em carruagem aberta, acompanhado pelo general Dubois.

Demorou-se meia hora conversando com a Rainha, que depois o acompanhou até á porta das salas.

A visita do presidente foi immediatamente paga pelo Ministro de Portugal em Paris, sr. Thomaz Rosa, que, acompanhado pelo sr. Conde de Figueiró, o procurou, esse mesmo dia, no Elysêu, ás seis horas da tarde.

O sr. Loubet mandou offerecer á Rainha os seus camarotes na Opera e no theatro francez.

E' devéras para estimarmos que por esta fórma se confirmassem as palavras do sr. Wencesláo de Lima na camara dos pares e que da viagem da sr.ª D. Amelia e da de seus filhos, já de regresso, Portugal não tenha senão que felicitar-se.

sueste e o noroeste, era uma coisa nunca vista que assustava as velhas e irritava os lavradores.

Foram-se as nuvens; o céo e o Tejo formam uma amethista gigante. Voltou lhes a alegria e a nós tambem.

Falemos então de coisas alegres.

TEIXEIRA LOPES

Realisou-se, ha dias, o jantar que varios amigos offereceram ao nosso grande esculptor Antonio Teixeira Lopes, uma das mais puras glorias artisticas de que portuguezes se possam orgulhar. Na ultima exposição o puderam reconhecer os ainda duvidosos. O auctor, que desde o

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

que, alguma vez, perante a obra de Raphael sentiram uma commoção, sentiram, como que por uma vara magica, vibrar no peito um enthusiasmo.

E d'uma gloria falemos ainda. A dezoito de maio, em plena primavera, fez annos a Emilia Candida, a gloriosissima actriz. Sabem quantos?... Oitenta!

Querida velhinha! Quanta vez nos commoveu com seu talento! Possa a nossa gratidão cahir-lhe como bençam sobre os seus cabellinhos brancos.

João da Camara.

S. M. A RAINHA D. AMELIA INTERROGANDO UMA CREANÇA TUBERCULOSA NO HOSPITAL DE ORMENSON

Como é sabido, uma das razões por que a sr.ª D. Amelia desejou visitar Paris, foi para, por seus proprios olhos, conhecer os melhoramentos que nos hospitaes se teem introduzido a bem dos tuberculosos. N'uma d'essas visitas conheceu a irmã Candida, de que o Presidente da Republica lhe falára com o maior elogio, e que já condecorára com a legião d'honra, o foi agora com o habito de Christo.

E assim está desfeita uma nuvem que parecia carregada de ameaças.

Desfez-se, quando se desfez a d'este céo de maio, que esteve em risco de perder seus creditos.

Não eram aquellas trovoadas de que o doce mez de maio tinha fama, que duravam meia hora quando muito, como zanga de creança pequena, que ainda tem lagrimas nos olhos e já a boca lhe sorri graciosa. Nada d'isso. Eram céos e frios de dezembro, e o catavento a teimar entre o

Caim e a *Viuva* se tornára celebre, não deixára de caminhar na senda da arte honestissima em que tentára os primeiros passos. O que lhe deu maior nome na exposição universal de Paris, pudemos agora admirar e saber como foi justa a excepcional recompensa que lhe concederam. Que maior prazer d'arte do que parar em frente d'quella estatua da *Historia*, d'aquelle *Santo Izidoro*, que parece querer voar da terra, d'aquella creancinha que nos encanta?

Hontem foi a homenagem ao esculptor, ámanhã outra divida pagaremos de gratidão prestando-a a outro genial artista, a Raphael Bordallo Pinheiro.

A Associação dos jornalistas offerece-lhe um album em que collaboraram muitos dos mais enthusiastas admiradores d'aquelle talento privilegiado, que se tem manifestado glorioso em tantos ramos d'arte. Collaboraram na homenagem artistas, homens de letras, jornalistas, todos aquelles

AS NOSSAS GRAVURAS

CONSELHEIRO MORAES CARVALHO

Registando gostosamente a nomeação de conselheiro d'Estado com que foi agraciado por carta regia de 7 do corrente o sr. conselheiro Alberto Antonio de Moraes Carvalho, illustre ministro d'Estado honorario, actual vice-presidente da camara dos pares e presidente da Junta do Credito Publico, temos agradavel ensejo de publicar o seu retrato.

O sr. conselheiro Alberto Antonio de Moraes Carvalho é filho do antigo estadista do mesmo nome, fallecido em 15 de abril de 1878, um habil jurisconsulto que foi ministro da justiça em 1860 a 1862, e a quem se deve, entre outros, o notavel decreto de 2 de janeiro de 1862, que regulou o provimento dos beneficios ecclesiasticos

Bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, d'onde saiu em 1873, vindo estabelecer-se como advogado em Lisboa, o sr. conselheiro Moraes Carvalho começou a sua vida politica em 1881, sendo pela primeira vez eleito deputado pelo circulo de Vouzella.

Em 1890 foi elevado a par do reino por eleição.

A 20 de maio de 1891 entrou nos conselhos da corôa com o ministerio organisado n'aquella data, sendo-lhe confiada a pasta da justiça e dos negocios ecclesiasticos. Tendo o seu collega na fazenda, sr. conselheiro Marianno de Carvalho, de se ausentar de Portugal, indo a Paris tratar de negocios financeiros, ficou o sr. conselheiro Moraes Carvalho encarregado interinamente de tão importante pasta, que as circumstancias d'uma aguda crise financeira tornavam devéras espinhosa.

Dedicando-se sempre aos assumptos economicos, muitas vezes tem o sr. conselheiro Moraes Carvalho sido indicado para aquella pasta na lista de varios ministerios e suas recomposições.

Em 1896 foi nomeado par do reino, tomando posse em 14 de janeiro do mesmo anno.

Na camara alta tem pronunciado alguns discursos importantes, sempre ouvidos com a maior attenção e apreço. Relembraremos o que ainda ha pouco pronunciou n'aquella casa do parlamento como *leader* da maioria, acérca da divida publica, no qual mais uma vez revelou o cuidado e apuro dos seus estudos sobre tal assumpto. São bem significativas as provas de consideração que tem recebido como vice-presidente da referida camara, a cujas sessões varias vezes preside, como se vê registado nos extractos respectivos.

Membro por mais de uma vez da Junta do Credito Publico, de que é actualmente presidente por decreto de 26 de julho de 1900, egualmente

lhe teem sido conferidas, no desempenho de tão alto cargo, honrosas distincções. Ultimamente o agraciou o governo francez com um elevado grau da Legião d'Honra.

A' cultura do seu espirito reune o sr. conselheiro Moraes Carvalho as mais apreciaveis qualidades de caracter que se revelam n'um trato finissimo, agradavel e lhano, que justificam a muita sympathia de que gosa.

EXPOSIÇÃO DA SOCIEDAEE NACIONAL DE BELLAS ARTES

Publicamos hoje mais algumas reproducções de obras que figuraram na terceira exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes, que se encerrou no dia 17 do corrente.

Ali vêmos a bella estatua de Santo Izidoro, de Teixeira Lopes, esculptura em madeira, pintada, que mais se crê a figura viva do Santo, que na phrase de um poeta *parece elevar-se para o ceu.*

Dois quadros de Malhôa, uma *Cabeça de estudo* e retrato de Madame M. B. este ultimo premiado na exposição de Madrid.

Um quadro de Carneiro Junior, representando o esculptor Teixeira Lopes no seu *atelier*. N'este quadro de fraco collorido, vê se a estatua, *A Viuva*, essa genial obra d'arte, toda sentimento a falar ao coração.

O quadro *A vaga*, de José de Brito, que tem qualidades apreciaveis, se bem que pouca frescura, apesar de se tratar do salso mar.

Uma paisagem de Christino, *A vala do Carregado*, o melhor quadro que este artista apresenta n'esta exposição.

O official do regimento do Maranhão é uma aguarella apreciavel de Sesinando Ribeiro Arthur, e faz parte da collecção de aguarellas representando militares com uniformes antigos, resultado de estudos e investigações que seu auctor tem feito sobre a historia do exercito portuguez.

BOMBEIROS VOLUNTARIOS DE LISBOA

A proposito das festas commemorativas das modificações porque passaram a séde e o material da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa, realisadas no dia 26 de abril findo, damos hoje um bello grupo em que figuram alem dos Voluntarios, cujos nomes especificamos, differentes chefes e o commandante do corpo dos Bombeiros Municipaes de Lisboa.

As festas que foram dedicadas ao sr. Conselheiro Emygdio Lino da Silva e á imprensa de Lisboa, tiveram o seu inicio n'uma sessão solemne realisada na vasta sala da Associação dos Voluntarios, presidida pelo sr. Eduardo Ferreira Pinto Bastos, e dedicada principalmente á inauguração do retrato do commandante dos Bombeiros Municipaes, sr. Conselheiro Lino da Silva, cujo nome prestigioso está hoje bem em evidencia entre todos que pertencem não só áquella corporação mas ás suas congeneres do paiz e do estrangeiro.

Conjuntamente com o retrato do sr. Conselheiro Lino da Silva foram descerrados os dos srs. Eduardo Pires Lopes, Eduardo Macieira, Julio Cardoso e Henrique Cesar Machado.

No fim da sessão solemne inscreveram se no livro dos visitantes da benemerita Associação dos Bombeiros Voluntarios, os srs. Matheus G. R. Costa, em seu nome e no das praças do seu commando (Bombeiros Voluntarios de Odivellas), felicitando a briosa corporação dos Voluntarios de Lisboa; Francisco Hogan Teves, pelos Bombeiros Voluntarios de Monsão e o sr. Conselheiro Lino da Silva, que deixou este honroso registo á 1.ª secção da divisão auxiliar.

«Felicito-vos mais uma vez com todo o enthusiasmo de bom camarada e amigo. E' inexcedivel em zelo, dedicação e enthusiasmo pelo serviço a corporação dos Bombeiros Voluntarios de Lisboa. A sua longa e honrosa folha de serviços torna-se digna da consideração e respeito de todos que são capazes de comprehender a sublime missão que lhes está incumbida, missão toda de heroismo e de desinteresse. Honro-me, pois, com a sua camaradagem, tanto como com a sua amizade. A todos um bravo! de satisfação e de orgulho».

A' sessão solemne seguiu-se o exercicio do simulacro de incendio, na praça do Duque da Terceira, sob as ordens do respectivo chefe, sr. Ruy da Fonseca Quintella.

Occioso se torna accrescentar que a corporação dos voluntarios de Lisboa, hoje 1.ª secção da divisão auxiliar, foi digna de todo o elogio pela forma como executou o ataque nas differentes phases do persumido incendio, a que assistiram, além do sr. Conselheiro Emygdio Lino da Silva, os srs. Gomes da Costa, 2.º commandante interino dos Bombeiros Municipaes; Francisco Rodrigues da Conceição, vice-inspector; Antonio Maria de Avellar, engenheiro da Camara Municipal; Arthur Prostes da Fonseca, chefe da secretaria; Julio Cardoso, da contabilidade; João Baptista Ribeiro, chefe dos depositos; Frederico Carlos Moniz, chefe do corpo de salvados; muitos bombeiros municipaes de Lisboa e voluntarios de diversas corporações.

Jan. 27

M. A.

Não posso mais do que dizer-te que [illegible] e traidores são sempre os mesmos, e que os homens devem andar sempre vendidos.

Não tens mais [illegible] do que eu; mas tens o pulso mais rijo, como dizem os doutores, e tens a fortuna de não depender do serviço público. Digo tudo, creio eu, com isto.

O Rodrigo aqui tem uma questão e as [illegible] Lopes, offerecidos de todo o coração que é insignificante.

[illegible] e irmão

JBaptista

FAC-SIMILE DE UMA CARTA DE ALMEIDA GARETT

VIDÉ NUMERO ANTECEDENTE PAG. 103

3.ª Exposição da Sociedade Nacional de Bellas Artes

RETRATO DE M.

O ESCULPTOR TEIXEIRA LOPES NO SEU *ATELIER*
ANTONIO CARNEIRO JUNIOR

SANTO ISIDORO — A. TEIXEIRA LOPES

CABEÇA DE ESTUDO — JOSÉ MALHÔA

A VALLA DO CARREGADO — JOÃO RIBEIRO CHRISTINO DA SILVA

OFFICIAL DO REGIMENTO DO MARANHÃO
B. SESINANDO RIBEIRO ARTHUR

A VAGA — JOSÉ DE BRITO

Bombeiros Voluntarios de Lisboa

Henrique C. Machado — Eduardo A. Macieira — Frederico Pires Lopes — Antonio Lopes Cardoso — José I. Romero Latino Coelho — Ernesto A. Gomes — Eduardo Pires Lopes Junior — Pedro Rodrigues da Costa — Arthur F. dos Santos — Bernardo O. Morgado — Guilherme Augusto Gomes — Carlos B. Pereira da Costa — Frederico Carlos Martins — Arthur A. Nobre Athayde — Francisco Rodrigues d'Almeida — Arthur Pereira — Ricardo F. Esteves — Antonio Apolinario Ribeiro.

Fernando C. Botto — Francisco H. Teves — Julio C. Ferreira Silvão — Joaquim A. Costa Neves — João C. Teixeira — Joaquim Santos Artino — Alfredo Gomes Raposo — Frederico F. Pinto Basto Armando S. Trindade — Arthur Duarte Pereira — José Coelho Dias — Manoel F. Ribeiro d'Assis — Manoel Antonio Iniguez — João C. Pereira Carvalho — Francisco Xavier da Silva.

João Baptista Ribeiro — Oratio Jauncey — Ruy Fonseca Quintella — Eduardo Pires Lopes — Francisco Rodrigues da Conceição — João B. Jauncey — Antonio Maria d'Avellar — Conselheiro Emygdio Lino da Silva Junior — João Gomes da Costa — Arthur Prostes da Fonseca — João Craveiro Lopes — Julio Antonio Cardoso — Augusto C. d'Abreu Oliveira — Guilherme S. Maia — Eduardo F. Simões José Pedroso Lima.

Ao jantar que n'essa noite se realisou nas salas da antiga séde da Liga Naval, na Praça de Luiz de Camões, offerecido pelos Bombeiros Voluntarios de Lisboa ao sr. Conselheiro Lino da Silva, estiveram os srs. Jauncey, tenente Craveiro Lopes, Julio Cardoso, Rodrigues da Conceição, Eduardo Pinto Bastos, Eduardo Macieira, Henrique Machado etc.

Discursaram ao *toast* os srs. Jauncey, Lino da Silva, Guilherme Maia, Henrique Machado, Pinto Bastos, Rodrigues da Conceição, Lopes Cardoso, Prostes e outros.

Um trabalho portuguez

No grupo dos bombeiros figura o sr. Henrique Cesar Machado, o talentoso auctor do apparelho telephonico que está installado na séde da Associação, n'um gabinete envidraçado expressamente construido para reservar este precioso trabalho.

Consta o apparelho de uma grande banca de *pitch pine*, onde assenta o quadro encimado pelo escudo dos voluntarios, tendo um relogio um pouco mais abaixo e superiormente a sineta de alarme, formando dois semi-circulos com um *barramento* de 17 para-raios por banda.

Ao centro tem uma fiada com 30 alvos, e collocados na parte inferior 5 *barramentos* parallelos para communicação entre os socios e chamada para a estação; no meio d'estes *barramentos* estão o botão de chamada o microphone e o auscultador.

No meio dos alvos destacam-se duas alavancas: uma que communica com a sineta de alarme que se acha collocada no Largo das Duas Egrejas, n'um dos postes da tracção electrica, e que serve para a chamada dos conductores que ali costumam estacionar; e a outra com o dormitorio dos mesmos, installado no Largo do Barão de Quintella, onde era a antiga estação.

Na parte que fórma a moldura do quadro estão collocados dois alarmes que servem para avisar a um tempo todos os socios em caso de incendio, communicando com as campainhas electricas que cada associado tem em sua casa á cabeceira do leito.

E' digno de ver-se este magnifico apparelho telephonico, que tem merecido já os louvores dos entendidos pela perfeição como está executado.

GARRETT E A ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA

(Continuado do numero antecedente)

A poesia da archeologia tambem a cultivou Herculano, o frio, o severo, o intolerante historiador. Engrinaldou de phantasias romanescas a tradição de uma das nossas mais celebres obras da arte architectural, e o poema em prosa *A Abobada* ficou sendo e será eternamente o poema em que se cantam as immarcessiveis glorias da arte portugueza. O Gama foi cantado por Camões; o lendario e indeciso vulto do canteiro portuguez, do mestre constructor d'aquellas maravilhosas fabricas de pedra, concretizado n'um vulto, por ventura no pequenino busto do angulo da casa do capitulo da Batalha, achou em Herculano o seu cantor.

Garrett, segundo nol-o contam os biographos contemporaneos e amigos do poeta, era um amador das preciosidades da antiga marcenaria, do mobiliario artistico. Seduziam-o as obras severas, elegantes, distinctas dos antigos entalhadores, os buffetes torneados, os contadores preciosos, as columnas, os embutidos, os moveis antigos. Este gosto desenvolvera-o lá fóra, nas suas viagens atravez dos riquissimos museus da Inglaterra, da França e da Belgica, e apurara-se no convivio das gentes cultas, onde a corrente do luxo custoso e artistico se accentuava.[1]

A descripção da phantasiosa mobilia dos seus aposentos, como se lê no livro das suas *Memorias biographicas*, é a prova mais cabal e irrefutavel desta tendencia artistica e archeologica. Garrett chegou a ter, diz o biographo, na rua do Salitre um casarão cheio de contadores, buffetes, camas, todos torneados em espiral, de diversos tamanhos e feitios, que pouco a pouco restaurava e convertia em trastes elegantissimos. Mandou vir desenhos da Allemanha e por elles compunha, com summo gosto, cadeiras, mesas, leitos e outras obras de phantasia.[2]

E a proposito desta orientação de Garrett, o biographo prosegue nestes termos:

[1] Gomes de Amorim, tomo III, pag 615 e seg.
[2] Gomes de Amorim, tomo III, pag. 615.

«El rei D. Fernando e elle restauraram em Portugal o gosto mobiliario, resuscitando melhorada a arte antiga com o auxilio da moderna. Tambem n'este genero de estudos, Garrett foi mestre de alguns dos nossos escriptores, que, incitados pelo seu exemplo, puzeram depois com arte os seus gabinetes de estudo. Elle tinha o sentimento do bello em tão alto grau, que sabia dar ás cousas mais insignificantes apparencias que as faziam valer aos olhos, e parecer de muito maior preço do que realmente eram. Como casa particular, foi a sua, apesar de pequena, a primeira que em Lisboa se conheceu ornada quasi toda de moveis antigos restaurados. Havia-as muito mais ricas, de pessoas opulentas; nenhuma de mais harmonia no conjuncto artistico.»[1]

N'estes topicos se prova o bom gosto de Garrett pelo que toca á sua predilecção pelo mobiliario artistico. Do seu amôr á archeologia monumental adeante trataremos.

Resta-nos ainda, quanto á influencia exercida pela triade litteraria dos principios do seculo XIX na corrente dos estudos historicos, archeologicos e artisticos em Portugal, falar de Castilho, o ultimo dos tres, o auctor dos *Quadros historicos* e o collaborador do *Jornal de bellas artes*.

D'este podemos dizer com ufania, não só que das suas obras, transluz sempre o mais ardente amôr pelas cousas patrias, não só que os seus memoraveis artigos na *Revista Universal* representam preciosos apontamentos de archeologia propriamente dita, mas tambem que a patria portugueza lhe deve, em beneficio dos estudos archeologicos, mais e muito mais do que de suas obras escriptas poderia resumbrar. Quero referir-me ao filho primogenito do poeta, o sr. Julio de Castilho, o qual tem sido e é o mais brilhante astro, a mais refulgente gemma, de toda essa constellação radiosa de eruditos e investigadores, de cujo impulso collectivo tem brotado a já hoje poderosa corrente das sciencias e estudos archeologicos no nosso paiz.

O auctor da *Ribeira de Lisboa* e da *Lisboa antiga*, pelos serviços relevantes que tem prestado á cidade, que lhe é patria, tornou-se sem a menor duvida credor de um dos melhores titulos ao respeito, á amizade, á consideração de quantos prezam este assumpto, como um dos mais prestantes e emeritos cultores da archeologia nacional.

Fecharei, com pesar, estas considerações, que me levariam longe. Não venha alguem pensar, que com ellas se pretende diminuir um ápice sequer do brilho d'aquella gloriosa e luminosa figura, cuja ossada acaba de transpor as portas do Capitolio, para jazer d'óra avante, no Pantheon, onde faltam ainda tantas outras das nossas glorias patrias.

Aos dois primeiros está feita a completa justiça com a glorificação tumular. Ambos vão ficar sob as mesmas abobadas artezoadas do grandioso templo manuelino, nos seus sarcophagos de pedra, burilada por modelos de eminentes artistas. As celebrações centenarias do nascimento dos dois ultimos demonstraram já á evidencia o reconhecimento da Patria portugueza. E por fim as edições completas, revistas, annotadas e bellamente illustradas das obras de Garrett e de Castilho, emprehendidas por uma arrojada casa editora da capital[2] representam, a par com a collecção já publicada das obras de Herculano, uma outra glorificacão; e como se esta ainda fosse insufficiente para a apreciação completa e perfeita do espirito superior dos seus auctores, encontraram Garrett e Castilho, este no seu filho dilecto Julio, e aquelle em Gomes de Amorim, quem lhes elevasse o mais perduravel e condigno monumento nas *Memorias*, que de um e outro publicaram, levados, o primeiro pela mais santa e dedicada piedade filial, e o segundo consoante o seu melhor ou peior criterio de reconhecido amigo.

*
* *

Vêmos em Garrett o archeologo, o artista; não como o vulgo grosseiramente entende e phantasia um archeologo; não o collecionador fanatico e formal, rebuscando inscripções, discutindo largamente a significação de uma letra, de uma sigla; não o mero antiquario, que tudo guarda quanto é velho, por simples e insciente caturreira.

Não escreveu pesadas memorias, minuciosas investigações nem substanciosos livros cheios de velhos, preciosos documentos. O seu espirito ligeiro, a sua alma de artista não se casava com enfadonhos labores, a que serenos se entregam

[1] Gomes de Amorim, tomo III, pag. 618.
[2] Empreza editora da *Historia de Portugal*.

investigadores pacientes. O genio indomito e brilhante de Garrett precisava expandir-se n'aquellas formosissimas creações litterarias, que constituirão a gloria eterna do seu nome e das letras portuguezas. Era porém Garrett o archeologo artista, disse eu. Era o verdadeiro amante d'esta bella sciencia do passado; tinha a intuição suprema, que faz ver em cada pedra de derruidos monumentos uma pagina da historia, em cada letra uma lenda poetica de remotas eras; o seu espirito de poeta revelava-lhe em phantasticas visões os mysterios do passado. Para Garrett, como para todo o verdadeiro archeologo, cada reliquia dos velhos edificios representava a evocação vivida dos homens e dos acontecimentos; d'elles extrahia luminosa a imagem das glorias epicas d'outros tempos. A sua alma de artista sentia, palpitava, vibrante de enthusiasmo e de patriotismo. Basta lêr o que perante os Jeronymos exclama:

> Aberta em par do temp'o estava a porta;
> Entrei. N'aquellas pedras animadas
> Por cinzel primoroso se pasciam
> Meus olhos admirados: as erguidas
> Columnas, as abobadas altivas,
> As palmas, as cordagens inlaçadas,
> E o signal sancto que as remata e une
> E que por toda a parte está marcando
> As victorias do lenho triumphante
> O vexillo da gloria portugueza, etc.[1]

Leiam-se aquellas paginas adoraveis das *Viagens na minha terra!* Em cada uma se revela o coração amante das velharias monumentaes e artisticas. Em Santarem, na antiga scalabitana cidade, cada rua, cada torre, cada egreja lhe desperta exclamações reveladoras da sua adoração. Cada vandalismo, cada deturpação da arte lhe arranca indignados brados, asperas censuras, lamentações doridas. Que pena não ser possivel seguil-o miudamente n'aquellas paginas adoraveis, citar cada um d'aquelles bellos trechos, que retratam a sua alma de apaixonado archeologo! Vêde como elle nos diz:

«Se eu for algum dia a Roma, heide entrar na cidade eterna com o meu Tito Livio e o meu Tacito nas algibeiras de meu paletó de viagem. Alli sentado n'aquellas ruinas immortaes, sei que hei de intender melhor a sua historia, que o texto dos grandes escriptores se me ha de illustrar com os monumentos d'arte que os viram escrever, e que uns recordam, outros presenciaram os feitos memoraveis, o progresso e a decadencia d'aquella civilização pasmosa.»

Era este o seu credo. E aconselha ao viajante em Portugal que, de chronica em punho, se ponha a lêl-a nos proprios logares a que ella se reporta, e assim, diz Garrett:

«Verá se não é outra coisa, verá se deante d'aquellas preciosas reliquias, ainda mutiladas, deformadas como ellas estão por tantos e tão successivos barbaros, estragadas emfim pelos peiores e mais vandalos de todos os vandalos, as auctoridades administrativas e municipaes do feliz systema que nos rege, ainda assim mesmo não vê erguer-se deante de seus olhos os homens, as scenas dos tempos que foram; se não ouve falar as pedras, bradar as inscripções, levantar-se as estatuas dos tumulos; e reviver-lhe a pintura toda, reverdecer-lhe toda a poesia d'aquellas edades maravilhosas! Tenho-o experimentado muitas vezes: é infallivel!»[2]

Em face dos monumentos da famosa cidade de Santarem Garrett dá largas ás suas expansões de artista: não pode reprimir n'aquella obra de mais ligeiro estylo as observações, criticas, reparos, onde se denúncia o archeologo erudito, o critico de arte; alli se discutem estylos, se definem as escholas, e se confronta a belleza poetica das arcarias gothicas com o pesado, grandioso e deselegante dos edificios filippinos.

Tão depressa descreve e pinta com a palheta rica de coloridos e com phrase aprimorada, com a forma idiomatica perfeitissima, as formosas paizagens do valle do Tejo, como nos transmitte lucidissimas as suas impressões de artista ante os monumentos, as lendas, as tradições historicas, tão nacionaes e pittorescas!

Desejava bem, mas impossivel é seguil-o n'estes periodos encantadores, sem perigo de ir repetindo pagina a pagina aquelle livro replecto das mais seductoras narrativas, tal é a magia da sua prosa, o superior e irresistivel imperio d'aquelle potente engenho!

Um termo, tão portuguez, tão glorioso, creou elle, ou antes lembrou, na sua faina infatigavel de patriotismo. O nome de estylo *manuelino*, hoje

[1] Camões, Canto 3.º — pag. 57.
[2] *Viagens*, tomo II, pag. 8.

corrente, aventava-o Garrett na nota ao seu Camões quando fala da:

Torre antiga e veneranda
Hoje tam profanado monumento
das glorias de Manuel...

E diz:

«O bello monumento da Torre de Belem está com effeito litteralmente *desfigurado* pelas *superfettações* de moderna e vulgar architectura, do mesmo modo que estão viciadas e inintelligiveis todas ou quasi todas as antigas e venerandas reliquias da antiguidade em Portugal.—Da pequena peninsula, em que hoje se acha a torre, lavrou o mal para o continente: a egreja e convento de Belem foram invadidos por estes iconoclastas de nova especie, barbaros estupidos e destruidores, como aquelles monges da meia edade que raspavam dos pergaminhos romanos os textos de Cicero e de Tito Livio para escrever por cima as inuteis cenreiras de seus commentarios e summulas. —No templo magnifico de Belem, n'aquelle precioso exemplar de *gothico florido*, ou antes de um genero tam unico e especial que se deveria designar talvez *manuelino*, as duas principaes capellas do cruzeiro estão cobertas, etc .. alli só está o verdadeiro emblema do triste Portugal de hoje: ruinas da grandeza antiga implastadas da mesquinhez moderna, o triumpho do mau gosto e da ignorancia sobre a sciencia desprezada e proscripta.»

Por toda a parte Garrett affirmou o amor e a amisade que os estudos archeologicos lhe mereciam. N'outra nota (a A ao Canto VII do *Camões*) bem claro mostra esta intuição dos modernos processos de investigação e estudo da historia, quando nos diz que da attenta observação dos fortes mouriscos coroando os montes, e dos paços, mosteiros e choupanas esparsos pelas abas da serra, ao longo do valle, se infere a organização egualitaria de—«uma velha raça exclusiva de trabalhadores no alheio»—e conclue:—«O estudo das artes é de mais auxilio á sciencia, do que talvez ella cuida em seu orgulho».

Os monumentos prehistoricos, que ao seu tempo não estavam definidos e descriptos, e aos quaes se ligavam tradições diversas, chamavam egualmente a attenção d'este emerito observador; nada escapava ao seu olhar e era immenso o ambito que abarcava aquelle espirito priviligiado. Aos *dolmens* da serra de Cintra se refere no Camões, dizendo:

Arabe é todo
O aspecto que estas vendo. Mas attenta
Ahi nessas quebradas menos duras
Como a pique se tem negro, inteiriço
Celtico Dolmin recordando o culto
do sangrento Endovelico, o terrivel
Irminsulf dos ferozes lusitanos...(1)
......Das fabricas dos homens
morredouras como elle—estes resistem
mais que nenhumas ao minar do tempo.(2)

No Porto sua patria, ainda a mesma indignação lhe provoca os periodos de sentido archeologo com que enceta o lindissimo romance historico *O Arco de Sant'Anna:*

«Falta-te, é verdade, ó nobre e historica rua de Sant'Anna, falta-te já aquelle teu respeitavel e devoto arco, precioso monumento da religião de nossos antepassados, e que, certo é, mais te vedava a pouca luz do ceu material que tuas augustas dimensões deixam penetrar, mas era elle em si mesmo, fóco da espiritual luz de devoção que ardia no bemdito nicho consagrado á gloriosa santa de teu nome.»

(Continua.) VICTOR RIBEIRO.

A CADEIRA DE GARRETT

A respeito d'esta cadeira de que publicámos a gravura no numero antecedente, recebemos do Ex.^{mo} Sr. Dr. Henrique Bastos a seguinte carta, que nos apressamos em publicar.

Ex.^{mos} Senhores directores de O «Occidente».

Ao lêr os muitos interessantes artigos sobre Garrett no ultimo numero da vossa revista, julgo quasi um dever communicar-lhes que a *Cadeira de Garrett* é hoje propriedade do sabio professor Carlos Tavares da Esc. medica de Lisboa.

E' imformação que certamente lhes agradará se já a não tiveram e tem outro fim.

De V. Ex.ª
H. Bastos.

1 Canto IX, pag. 149
2 Id.—pag. 160

O ultimo senhor de um velho solar

ROMANCE HUNGARO

POR

Paulo Gyulai

(Continuado do n.º 876)

Vem commigo, Elsbeth! clamava a coronela.

—Elsbeth, vem commigo, vamos para o meu quarto, lhe segredava, carinhoso, o pobre do pae, erguendo-se da poltrona e lançando mão do castiçal e do testamento.

A coronela retirava a sua intimação. E o pae, calado, lançava um olhar de magua e de carinho á filha, parado á espera nos hombraes da porta.

—Triunfam o amor e a virtude! declamava a coronela, estreitando d'incontro ao seio a Elsbeth que correra a lançar-se-lhe nos braços; e ambas entre soluços resvalaram para o sofá, se não quando, lhes retumba aos ouvidos pavoroso estrépido; vinha do lado da porta, á qual o pae atirára com força regressando, a cambalear e derrengado de todo, ao seu quarto.

No dia immediato, quando Radnothy accordou, ia dar meio dia. Com a estafa da jornada e as commoções da vespera, levára a noite de um somno, e sentia-se ainda mais fatigado do que antes de se deitar. Tivera sonhos afflictivos, e a tal ponto se achava rendido, que mal se pôde vestir.

Vestiu-se sósinho, maravilhado com o profundo silencio reinando por toda a casa, aquella manhã. Nem sentia a coronela, nem o carôcho, nem sequer a aia das duas senhoras. Na sala de jantar, nem viv'alma, apenas na varanda s'incontrou alguem, a Maria coxinha, toda chorosa, e trazendo na mão uma carta.

Silencioso, pegou na carta.

Era da coronela e escripta com tinta azul, polvilhada de areia doirada e n'ella se achava prolixamente exarádo quanto na vespera lhe dissera. Desculpava as infindas barbaridades do cunhado; intimando a este a rasgar acto-continuo o testamento, e sublinhava as seguintes frases:

«Elisa, dê por onde der, hade casar com o capitão Kahlenberger, legar-lhe-ei quanto tenho, e não precisamos para coisa nenhuma desse seu casébre de má morte, nem das suas fazendas, acerca das quaes o senhor traz uma demanda.» Devido á extensão tomada pelas lamentações e pelas ameaças, restringia-se o restante conteúdo da carta ao *post-scriptum*:—neste, participava a viuva ao cunhado, em breves palavras, que nem ella nem sua sobrinha estavam dispostas a tolerar por mais tempo as suas crueldades, que partia de madrugada para Vienna, e que não tornaria a ver letras quer de uma quer de outra em quanto lhes não pedisse perdão.

Meteu a carta no bolso e sentou se na sua poltrona. Nem sequer tinha consciencia do que fazia, e circumvagava o olhar sem intenção determinada; fitou-o nos ninhos de andorinhas, onde piavam alegres de roda da mãe as tenras avezinhas, e suspirou; fitou-o nos pombos, travêssos e jocundos, alçando o vôo acima do telhado do pombal, e entre dentes, murmurou o que quer que fosse; olhou para o velho mastim, o qual, humilde e carinhoso, viera deitar-se lhe aos pés, e ameigando-o, exclamou:

—Meu fiel Máros!

Até que por fim, fitou os olhos na Maria coxinha, que para ali estava ainda e sempre a chorar.

—Tu que tens? perguntou ex-abrupto,

Toda encolhida, a pobre da creatura cada vez chorava mais, e mal pôde articular o seguinte:

—A menina Elsbeth!

—E a ti que te importa com a menina Elsbeth? perguntou ainda mais brusco.

—Quando se foi embora a carruagem, a menina entregou-me esta carta, tartamudeou a coxinha, e eu deitei a correr.

«Onde vaes com tanta pressa?»—perguntou a menina.—Vou accordar o senhor meu amo, respondi. «E para que o queres tu accordar?» «insistiu ella.—Ora essa! Para se despedir da menina! A menina vae-se embora, já se vê que se hade querer despedir delle, respondi, e abalei».

Mas a menina agarrou-me e deu-me uma bofetada. Não lhe quero mal por isso, mas escusava de me rasgar o meu lenço de seda, novinho em folha; tinha-m'o comprado a senhora, que Deus haja, ha tres annos, ora veja, está todo rasgado...

Não chores, que eu te comprarei outro mais bonito, atalhou Radnothy atrahindo a si a orfã, como se abraçasse a sua Elsbeth, e nos labios desabrochou-lhe um sorriso. Em seguida, poz-se serio, volveu-se para o lado, cabisbaixo, e entregue a seus pensamentos. Vae-te, Elisa, vibora, viboral exclamou de subito, repellindo a pobre da coxinha. e esta, de assustada, deitou a fugir, parando de vez em quando, a ver se não viria a persegui-la o pobre do amo.

(Continúa). *M. Macedo (Pin-Sel)*

NECROLOGIA

VISCONDE MASON DE S. DOMINGOS

Falleceu no dia 2 d'abril, findo, na sua casa em Vitney Oson, Inglaterra, este estimado titular, principal accionista da Companhia da Mina de S. Domingos, e de cuja fortuna podemos testemunhar a sua benefica applicação nas muitas obras de caridade com que enalteceu o seu brazão, distinguindo Portugal, paiz porque elle tinha profunda sympathia.

Nascido em 1823, o sr. James Mason residiu em Portugal desde 1858 até 1862, casando em 1860 com a senhora de quem deixou seis filhos, um dos quaes é o actual conde de Pomarão, ha pouco ainda director gerente da Companhia da Mina de S. Domingos.

O titulo de que usava fora-lhe offerecido por El-Rei D. Luiz como testemunho de reconhecimento pela generosa offerta de quatro contos e quinhentos mil réis, que o mesmo illustre titular fez ao Asylo de Mendicidade, instituição de que aquelle monarcha era protector.

Por occasião das innundações do rio Guadiana o visconde de S. Domingos, então barão do Pomarão, contribuiu com o importante donativo de nove contos para minorar as circumstancias, deveras afflictivas, das classes pobres dos concelhos limitrophes.

Tambem para a edificação do hospital Marquez de Pombal, de Villa Real de Santo Antonio, concorreu o mesmo titular com uma avultada quantia, acto que estimámos ver que não foi esquecido, por ter a actual Camara Municipal d'aquelle concelho, na acta das sessões, feito consignar um voto de profundo pezar ao ter a infausta noticia do passamento d'aquelle benemerito.

Caracter independente, e independente quanto pode ser um homem ao qual não faltam os bens da fortuna, nem a alta posição conquistada pelo trabalho, rodeado de confortos e do carinho dos seus, a caridade que exercia tão digna, nobre e superiormente, não era d'essa falseada pela ostentaçao que deprime, em vez de engrandecer quem a pratica.

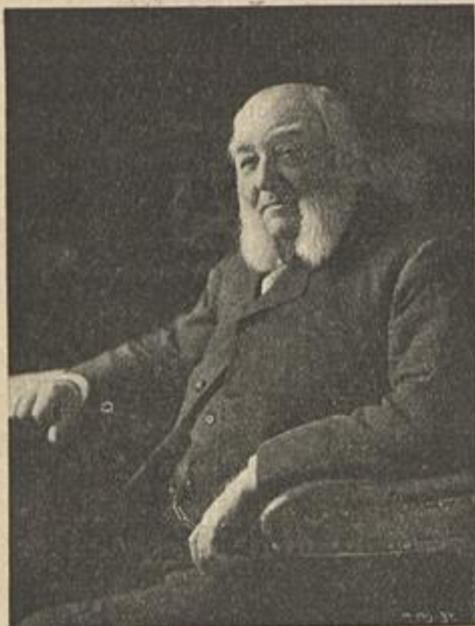
O visconde de S. Domingos lega a seus filhos, com uma grande fortuna, grandes exemplos da sua generosidade, que serviram para estancar muita lagrima e minorar muita miseria.

Onde a desgraça apparecia a ferir cruel, desoladoramente, os pobres filhos do trabalho, o seu obolo abençoado ahi surgia a soccorrer os indigentes, que só lhe conheciam o nome para o glorificar.

Muitos dos que ainda vivem, certamente o hão de prantear com saudade, no momento em que o seu vulto venerando se occulta para sempre dos olhos d'essa humanidade que tanto beneficiou.

ALBERTO DOS SANTOS DINIZ

Victima d'uma congestão falleceu quasi repentinamente este symphatico moço, filho do bemquisto e acreditado industrial da Praça dos Restauradores, Francisco dos Santos Diniz.

Tinha apenas vinte e cinco annos e já bastantes serviços o seu engenho e bom gosto haviam prestado, não só aos amadores de boa musica, como á industria explorada por seu pae. Com uma decidida vocação para o commercio, abandonou os estudos depois de conquistar varias distincções nos exames de preparatorios para se dedicar inteiramente á phonographia, valorisando a sua audição com melhoramentos que o seu enthusiasmo e aturada applicação adaptavam dia a dia.

VISCONDE MASON DE S. DOMINGOS
FALLECIDO EM 2 DE ABRIL

Foi o introductor do gramophone em Portugal e não raras vezes as casas estrangeiras não só lhe acceitaram as indicações como modificaram a construcção dos apparelhos orientando-se pela suas sensatissimas observações.

Tivemos occasiã ode o ouvir defender uma ou outra inovação com o calor que só a pertinacia d'um rijo caracter e o enthusiasmo d'uma alma muito sã pôem nos labios d'um crente como elle era.

Muito modesto, era porém patriota a valer e sempre que entre os nossos artistas encontrava quem podesse executar o seu pensamento, não mais recorria ao estrangeiro tendo a sua forte iniciativa contribuido grandemente para se vulgarisarem trechos e nomes de cantores portuguezes que elle, sempre que podia, antepunha aos de fora.

D'uma actividade incançavel em pesquisas continuadas para melhorar as condições da industria a que se dedicava, mal partilhava dos divertimentos proprios da sua idade, concedendo só á audição de boa musica as poucas horas que o trabalho lhe deixava livres.

Filho exemplar, compunha com o pae que o estremecia e com a mãe que o adorava, uma bella trindade amparada pela sua radiante mocidade, que era o orgulho e a alegria dos outros dois. Quebrou pelo mais forte a unidade d'esse grupo que a Providencia não poupou.

A mãe, uma santa senhora que ia todos os dias ao estabelecimento para se rever no intelligente moço, mal póde hoje indireitar o busto pendido para a terra que lhe encobre o mal aventurado pedaço da sua alma, e o pae apenas encontra consolação em ouvir, com os olhos repletos de lagrimas, a voz do filho nos cylindros que a insensibilidade dos phonographos lhe reproduz sempre que o aperta a lancinante saudade, voz que o engenho do extincto tornou quasi natural.

Espectaculo de dôr reproduzido a todo o momento!

Que Deus ponha a resignação no coração dos que tanto o amaram e tenha em descanço a alma, boa como ella era, do meu desventurado amigo.

JOÃO DE DEUS GUIMARÃES

ALBERTO DOS SANTOS DINIZ
FALLECIDO EM 3 DE ABRIL